

(*) *Cláudia Freitas de Oliveira* é Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco e membro do Instituto Praservare. E-mail: claudiahist2003@yahoo.com.br. *Carlos Alberto Cunha Miranda* é Professor da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: cunhamirandaufpe@hotmail.com

Asilo de Alienados São Vicente de Paula, no Ceará do Século XIX: entre Fontes e Teoria

**São Vicente de Paula Mental Institution in the 19th
Century Ceará:
between sources and theory**

Cláudia Freitas de Oliveira
Carlos Alberto Cunha Miranda*

RESUMO: Este trabalho é parte da pesquisa realizada no Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Ele visa analisar a temática da loucura no Ceará no Século XIX a partir da construção do primeiro asilo para alienados, o Asilo São Vicente de Paula. Nosso objetivo é problematizar as representações sociais em torno da loucura e analisar o cenário que possibilitou a construção do asilo, investigando os interesses e as relações de poder em que esta instituição estava inserida. Nesse sentido, metodologicamente, mantemos um diálogo com as produções historiográficas mundiais e brasileiras sobre a temática da loucura e investigamos o acervo documental existente no Ceará, sobretudo os referentes aos jornais da época.

Palavras-chave:
Asilo, Alienados,
Século XIX, Ceará.

A loucura dentro de uma perspectiva historiográfica no Ceará, referente ao século XIX, enfrenta dificuldades de natureza fundamentalmente documental e não mais teórico-metodológica. Teoricamente, existe uma ampla bibliografia que trata de questões conceituais em torno da figura do louco e da loucura e seus embates políticos e sociais que nos permite compreender uma rede de representações e tensões culturais do período. Nesse sentido, Foucault, Goffman, Harris, Castel, são alguns dos nomes que ofereceram uma larga contribuição na historiografia ocidental. Em termos de historiografia brasileira, Maria Clementina, Vera Portocarrero, Magali Engels e Isaias Pessotti também enriqueceram o debate. Entretanto, quando nos debruçamos na investigação documental é que ocorrem os enfrentamentos maiores.

Segundo o atual Diretor do Hospital São Vicente de Paula, Coronel Bonfim, em conversa informal realizada em 2005, o hospital passou por uma de suas maiores reformas estruturais durante o Regime Militar, com a perspectiva de ampliar e melhorar o atendimento ao paciente com sofrimento mental. Tal reforma pode ter ocasionado, por sua vez, a destruição de documentos essenciais para reconstrução da historicidade do Hospital, no advento de sua inauguração e nas décadas posteriores, prejudicando na preservação de sua memória. Os prontuários, por exemplo, uma grande ferramenta para compreensão do perfil e do tipo de atendimento dado aos pacientes que ingressavam no Hospital foram completamente destruídos. A ausência deste registro de memória se, por um lado dificulta a reconstrução de dada época, por outro, poderia ser problematizada a partir de sua própria destruição. Coincidência ou não, os Hospitais Psiquiátricos durante a década de 1960 foram alvos de profundas críticas e denúncias de segmentos sociais em geral e médicos, especificamente, conhecido como a *Reforma Anti-manicomial*. Esta poderia ser uma das muitas hipóteses que justifica a ausência de documentos internos do Hospital.

Historiograficamente, tal situação provoca uma profunda lacuna na investigação porque dificulta a compreensão de quem eram os homens e mulheres considerados alienados no Ceará no Século XIX. Contudo, a prática historiográfica ensina que o exercício de garimpagem dos variados materiais documentais é realizado nas entrelinhas e nos cruzamentos de informações. Este artigo propõe-se a reconstruir uma parte da História da Loucura no Ceará deste período através da inauguração do primeiro hospital voltado para a alienação, o Asilo de Alienado São Vicente de Paula, como forma de responder às questões preliminares como: quem eram os indivíduos considerados alienados e quais interesses e relações de poder estiveram inserido o asilo de alienado. Construído em 1886, o Asilo de Alienado São Vicente de Paula atendeu a uma ampla demanda correspondente a toda a Província do Ceará. Localizado no distrito de Porangaba inicialmente denominado de Arronches¹, ele representava um lugar estratégico, pois o distrito representava uma *ponte* entre Fortaleza e o Sertão. A questão da espacialidade da construção do asilo torna-se uma problemática importante a ser destacada para analisarmos as redes de relações sociais da época.

Fortaleza, como capital da Província, concentrou desde sua colonização vários centros de poder², como o pelourinho, a cadeia pública, a câmara municipal. Todos eles estavam situados em um mesmo espaço, que corresponde o atual centro da cidade no raio de abrangência que compreende desde o cemitério

¹ Parangaba, atualmente um bairro de Fortaleza, mudou de nome várias vezes. No período colonial, a aldeia de índios chamava-se Porangaba. Passou a ser nomeado Arronches. Depois voltou a se chamar Porangaba e mais adiante, recebeu o nome de Parangaba. O Município da Parangaba foi extinto oficialmente em 31 de Outubro de 1921 (Lei 1913) pelo Presidente Justiniano de Serpa, tornado distrito de Fortaleza em 1926 pela Lei 2455.

² Os quais nem sempre se deram de forma amistosa, tendo em vista existir uma disputa entre Fortaleza e Aquiraz, durante o período colonial, no sentido de se discutir qual seria a sede da Província.

São João Batista até aproximadamente a Praça Coração de Jesus e circunvizinhanças. Esta área é considerada pela historiografia o coração da cidade não só pelo sentido político-administrativo, mas pelas práticas cotidianas, tendo em vista a sociabilidade intensa de lazer e comércio exercida pela circulação de indivíduos de várias condições sociais. O que não significa dizer, entretanto, que aqueles de menor ou quase nenhuma situação financeira, fossem tolerados. Em períodos críticos vivenciados pela seca, eles representavam incômodo às elites, como ocorreu na seca de 1877-79.

A construção do Asilo de Alienados estava situada em outra perspectiva espacial. Localizada a 7 km e 200 metros ao sudoeste de Fortaleza, Arronches na década de 1870 ainda conservava traços culturais de uma aldeia indígena e era considerada distante de sede da Província. Através de narrativas de contemporâneos como a crônica de Antônio Bezerra³ e a poesia Juvenal Galeno⁴, a localidade era destacada por seu ambiente agradável e bucólico destacando-se, neste cenário, a Lagoa de Parangaba.

Se estabelecermos um diálogo entre a Historiografia que analisa a atuação e o discurso de Pinel sobre a questão do tratamento que deveria ser oferecido ao louco na qual ressalta a necessidade de um espaço propício à cura, poderíamos estabelecer uma relação entre a escolha do local para a construção do asilo no Ceará com um discurso médico construído em fins de Século XVIII. Ou seja, Segundo Robert Castel (1978, p.61), Pinel reforçava o argumento através do qual era fundamental para o processo de cura de alguns pacientes a construção de um Hospital que oferecesse um clima de harmonia e bem-estar, em contato inclusive com a natureza. Nesse sentido, o Asilo São Vicente de Paula parecia atender as expectativas de um novo modelo de tratamento em que substituía as antigas correntes que aprisionavam os loucos, ou ainda que os isolavam em celas, para uma nova perspectiva de contato do mesmo com uma natureza, terapeuticamente saudável.

Entretanto, a realidade cearense mostrava um elemento essencial e diferencial para analisarmos esta problemática. Na década de 1870, o Governo Provincial juntamente com segmentos particulares, iniciou um projeto de maior integração política e comercial entre Fortaleza e o Sertão, através da construção da Estrada de Ferro de Baturité (EFB). A intenção original da Estrada de Ferro era ligar a Capital à região da Serra de Baturité, grande produtora de café e outros gêneros alimentícios. Entretanto, em 1874, ampliaram-se seus objetivos e o prolongamento da Estrada de Ferro estendeu-se até extremo Sul do Ceará (FERREIRA, 1989, p. 33).

³ Bezerra, Antonio. *Parangaba*. Revista do Instituto do Ceará. 1901

⁴ Galeno, Juvenal. *Parangaba – Poema Indianista* IN *Parangaba: a lagoa e a índia Parangaba (Poema Indianista)*. Fortaleza: Edição da Casa Juvenal Galeno / Stylus Comunicações, 1991.

Desta forma, se durante grande parte de sua história, Fortaleza se organizou política e socialmente em contato com o litoral, agora com a possibilidade de aumentar o comércio interno e externo da Província, ela se voltava para o Sertão. Os primeiros trilhos erguidos e inaugurados corresponderam ao trecho Fortaleza-Arronches. O distrito de Arronches, onde se situava o Asilo São Vicente de Paula, era um caminho de ligação entre duas realidades, a do Sertão e a da Capital.

Sertão e Capital estes que se encontravam dramaticamente em determinados episódios como os ocasionados pelas secas, provocando grande número de problemas sociais, com os chamados retirantes da seca, que se concentravam em Fortaleza. Naquela datada de 1877-79, o grande número de indigentes, órfãos, prostitutas crescente pela cidade, representando um caos, levou o governo provincial, em articulação com os segmentos das elites política, comercial e religiosa, à construção de instituições ligadas à assistência e proteção a infância, mendicidade e loucura. É nesse sentido, que durante a década de 1880 surgiram, respectivamente, a Colônia Christine, o Asilo de Mendicidade e o Asilo de Alienado São Vicente de Paula. Muitos desses indigentes e pobres em geral tomaram-se o público alvo do Asilo de Alienados.

Apesar de sua construção datar da década de 1880, ainda na primeira metade da década de 1870, há registros sobre a necessidade da criação de um asilo para alienados. Em 1874, o Visconde de Cauhipe, pessoa de grande reputação entre seus pares, tendo exercido as funções como Tenente Coronel e Vice-Provedor da Santa Casa de Misericórdia, demonstrou interesse em construir um espaço destinado aos loucos depois de ter *contemplado, errante e perseguida, andrajosa e faminta, uma pobre louca nas ruas d'esta cidade*. Para Guilherme Studart, o asilo de alienados foi *producto de sua criação*⁵.

Surgia assim a idéia de construção de um local para abrigar loucos para a província o qual não era algo inovador ou extemporâneo à realidade nacional, tendo em vista que o primeiro asilo com tal finalidade já tinha se efetivado ainda na década de 1850, quando da construção do Hospital D. Pedro II. Ao contrário, se considerarmos que o asilo no Ceará apresentou uma grande distância temporal, datada em sua inauguração de mais de 30 anos após a instalação do primeiro em território brasileiro, perceberemos um atraso na sua concretização.

Antes da construção do Asilo de Alienados São Vicente de Paula, os loucos ficavam espalhados em outros espaços. Via de regra, em Fortaleza, quando não estavam vagando a esmo pelas ruas da cidade, estavam concentrados na Cadeia Pública ou na Santa Casa de Misericórdia. Desta forma, o perfil essencial do alienado no Ceará em fins de Século XIX era o indigente e o criminoso.

⁵ STUDART, G. *Datas e Factos para a História do Ceará*. Fortaleza, Typ. Studart, 1896, 2º vol, p. 229.

As fontes trabalhadas, sobretudo a dos jornais, cumprem em parte a função dos prontuários inexistentes que retratamos anteriormente, principalmente no que se refere ao público internado no asilo de alienados. Nesse sentido, *O Libertador* e *O Cearense* noticiaram pequenas notas em que demonstravam serem os indigentes e as pessoas em geral das classes menos favorecidas foram o público alvo do Asilo⁶. A questão da alienação enquanto tema abordado nas fontes apresenta-se de maneira pontual e descontínua. Ela aparece diluída nos episódios cotidianos da cidade e da província, não se constituindo em um material volumoso ou permanente. Mesmo em épocas de flagelo em que a sociedade presenciou casos de situações limites podendo ser nomeada de alienação, a documentação ainda é residual. Contudo, foi através dos episódios da seca de 1877-79 a partir de seus efeitos de grande caos social que, não só o asilo tornou-se uma necessidade, como outras instituições com o mesmo perfil.

A partir daqui é importante destacar quais os interesses que levaram à construção do Asilo de Alienados São Vicente de Paula. Mas, para isso convém situarmos a questão da loucura dentro de uma perceptiva ampla da época, no cenário mundial e brasileiro, para observarmos as singularidades do caso cearense.

Nas obras de Castel, Foucault, Goffman, Pessotti, observamos uma vasta produção discursiva localizada a partir de fins do Século XVIII e durante todo o século XIX, em que tanto os segmentos médicos como jurídicos objetivavam compreender essencialmente a nosologia da loucura e suas formas de tratamentos. Nesse, sentido a grande produção de textos médicos bem como a realização de Congressos fizeram parte de discursos acentuadamente polêmicos envolvendo a Medicina e a Jurisprudência, além de outras áreas do conhecimento humano como a Antropologia, por exemplo. Termos como *monomania*, desenvolvido por Esquirol ou discussões estabelecidas por Pinel sobre as causas da alienação como *fatores morais* ou *orgânicos* geravam publicações e debates no meio acadêmico.

No Brasil, Rio de Janeiro, Pernambuco, Salvador, São Paulo foram locais onde também se produziu um ambiente de discussão entre os setores médicos, seja através de instituições como as Faculdades de Medicina e Direito seja na construção de Congressos, como o de Pernambuco, realizado em 1909, onde foram discutidos os estigmas físicos da Antropologia Criminal de Lombroso (ANTUNES, 1999).

Assim, tanto a historiografia mundial como a brasileira inserem a temática da loucura dentro de uma perspectiva de disputas de saberes e poderes de médicos e juristas, entre outros segmentos sociais. Esse cenário muda radicalmente quando colocamos a questão da loucura numa perspectiva da província cearense.

⁶ Jornais de março e abril de 1886 (Setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública do Ceará).

É bastante significativo observar que meses antes da inauguração do Asilo de Alienados São Vicente de Paula, não havia ainda sido contratado um médico alienista para dirigir o Asilo⁷. Também é significativo analisar que o médico que cumpriu a função de diretor foi um clínico geral, não tendo uma formação ou especialização em Psiquiatria. Estes indícios permitem-nos analisar que os espaços de disputa de poderes observados por uma historiografia mais geral não se fazia presente da mesma forma no Ceará. Entretanto, não queremos afirmar que não houvesse um cenário de poderes no que se refere à tutela do louco no Ceará. Ele havia, mas estava situado em outra direção.

O Asilo de Alienados São Vicente de Paula, desde sua inauguração até hoje, estava sob a administração direta da Santa Casa de Misericórdia. E com tal vinculação, ele atendeu a outras demandas e interesses sociais. Uma instituição com finalidade médica, como um Hospital Psiquiátrico, veiculada à outra instituição religiosa não era uma prática rara no Brasil. Ao contrário, o próprio Hospital de Alienados Dom Pedro I, no momento de sua inauguração e durante anos, pertenceu à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Entretanto, internamente, houve durante os últimos anos do fim do Império conflitos entre dois segmentos: os médicos e as irmãs superiores, responsáveis pela administração nos quais os médicos reivindicavam a separação do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Em um deles, o clima de tensão tornou-se mais evidente em 1882, quando o médico Nuno de Andrade foi demitido da direção do serviço sanitário do Hospício de Pedro II, por criticar o poder e as funções exercidas pelas irmãs de caridade, propondo ao hospital uma nova regulamentação (ENGELS, 2001, p. 241).

No Ceará, não apenas não há registro de conflitos ou indisposições entre os poderes médicos e religiosos, como a Igreja Católica – através das Irmandades – possuía maior poder que a própria figura do médico. Numa perspectiva de identificarmos quais sujeitos ou agentes tornavam-se peças-chaves quanto às responsabilidades pelo Asilo de Alienados São Vicente de Paula poderíamos destacar a figura do Vice-Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Foi o Capitão Manoel Francisco da Silva Albano, então Vice-Provedor, que em 1875, doou um terreno na estrada Empreitada de Arronches para a construção do edifício o Asilo de Alienados São Vicente de Paula⁸ e que esteve na comissão cujo objetivo era examinar o andamento dos serviços de construção do asilo. Foi também o Vice-Provedor da Santa Casa de Misericórdia o responsável pelo ingresso de uma mulher considerada alienada naquela instituição⁹. E no Relatório da Santa Casa, ele situou o vínculo estreito desempenhado pelos setores da igreja e da medicina na condução administrativa do Asilo São Vicente de Paula quando fez menção à atuação

⁷ Jornal *Libertador* 23 de fevereiro 1886 (Setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública do Ceará).

⁸ *Escreitura de doação que fazem o Capitão Manoel Francisco da Silva Albano e sua mulher á santa casa de misericórdia desta cidade, de um terreno na Estrada Empreitada de Arronches, para o edificio do Azilo de Alienados, por 1:000\$000* (Arquivo do Hospital São Vicente de Paulo).

⁹ Jornal *Libertador*, 8.4.1886 (Setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública do Ceará).

das Congregações de São Vicente de Paula que estavam inseridas no mesmo cenário filantrópico ocupado pelo asilo de alienados¹⁰.

O Asilo de Alienados São Vicente de Paula possuía uma ligação fundamentalmente dependente da ação exercida pela Religião Católica no Ceará, não somente porque sua administração esteve ligada à Santa Casa de Misericórdia como porque fez parte de um conjunto de práticas assistencialistas e caritativas condizentes com as realizadas pelas Congregações ou Conferências Vicentinas, que surgiram na Província. Em Fortaleza, a primeira Conferência Vicentina datou de 1882. Mas, a cada ano Barão de Studart noticiava (1896) a instauração de dezenas em todo o Ceará.

Confrarias e Irmandades foram estratégias utilizadas pela igreja e pelas elites políticas e religiosas da sociedade com o interesse de promover assistência e caridade aos pobres. Eduardo Campos, na obra *As Irmandades Religiosas do Ceará Provincial*, faz uma distinção entre as duas apontando que, enquanto as Irmandades preocupavam-se com questões relacionadas à construção de cemitério e/ou melhoramento de igrejas, as Confrarias atendiam mais a uma demanda de assistência aos menos favorecidos (CAMPOS, 1980, p.82).

As Conferências surgiram em grande medida no Ceará no momento em que Império e Igreja Católica enfrentavam a Questão Religiosa. Guilherme Studart, médico e católico atuante, foi um dos grandes responsáveis por seus surgimento e manutenção.

Numa perspectiva de contribuir para o fortalecimento de um ambiente católico e filantrópico do Ceará, o Barão de Studart atuou ativamente na fundação de dezenas de Congregações de São Vicente de Paula, inclusive presidindo o Conselho Central da Sociedade Vicentina, no longo período correspondente entre 1889 a 1931. Um dos objetivos das Congregações Vicentinas foi a divulgação do ensino do catolicismo, auxiliando as vocações religiosas na província cearense. Nesse sentido, fundaram-se instituições como escolas primárias e bibliotecas e instituições de saúde. Mas, instituições voltadas para a saúde também foram um foco das Confrarias como podemos inserir o Asilo São Vicente de Paula, freqüentemente nomeadas de obras pias.

Barão de Studart tornou-se uma figura emblemática na relação entre religião e medicina, conciliando suas atividades médicas e cristãs.

Então estudante da Faculdade de Medicina na Bahia, em fins dos anos 1870, Guilherme de Studart participou da criação de uma sociedade vicentina em Salvador. Finalizando seus estudos e voltando para o Ceará, empenhou-se na

¹⁰ Relatório da Santa Casa de Misericórdia, de 19 de março de 1887, item *Asylo de Alienados*, p.7 e 8. (Arquivo Público do Ceará).

fundação de dezenas de Congregações Vicentinas (AMARAL, 2002, p. 22). Além da fundação das Sociedades Vicentinas, o Barão de Studart criou e presidiu o Círculo Católico de Fortaleza. (BARREIRA, 1956; PAIVA, 1956; AMARAL, 2002). Como médico, presidiu a Ordem Médica Brasileira na Seção Ceará, em 1902. Antes disso, em fins dos anos 1870, após receber o título de doutor, Studart voltou a Fortaleza e exerceu a função de médico durante a seca de 1877-79, atuando contra os quadros alarmantes da epidemia de varíola. Com o término da seca, esteve presente no ato de solenidade de inauguração e foi um dos colaboradores do asilo para alienados

É a partir da estreita relação entre os setores da igreja e da medicina existentes no cenário cearense nos anos antecedentes à construção do Asilo São Vicente de Paula até as primeiras décadas do século XX, que cabe questionar então, acerca de qual lugar social ocupava o asilo na província do Ceará e qual importância foi conferida àquela instituição. As práticas no Ceará desempenharam singularidades, diferenciando-se de uma nova configuração de poder que se instituía neste mesmo período nos grandes debates médicos. Um sentido mais de permanência das antigas estruturas de tratamento dado aos pobres doentes no Ceará, que de ruptura, marca os discursos e práticas em torno do Asilo de São Vicente de Paula e o lugar da alienação no Ceará aproxima-se mais de um discurso caritativo assistencialista que laico ou médico.

Artigo

Recebido: 14/11/2008

Aprovado: 14/01/2009

Key words: Asylum, Insane, 19th century, Ceara.

ABSTRACT: This paper is a part of a survey conducted by History Ph.D. in Federal University of Pernambuco. Its aim is to examine the subject matter about madness in Brazil in the 19th century from the construction of first asylum for insane people, the St. Vincent of Paula Asylum. Our objective is to question the social representations about the madness and analyze the scenery that made the asylum construction possible, investigating the interests and power relationships in which this institution was inserted. So that, methodologically, we have kept a dialogue between worldwide and Brazilian historiographical productions about madness subject matter and we have searched the documentary collection which still exists in Ceara, particularly those ones related to the newspapers from that period.

Referências

AMARAL, E.L.G., *Barão de Studart* – memória da distinção. Fortaleza: museu do Ceará: Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

ANTUNES, J.L.F. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: UNESP, 1999.

BARREIRA, D. O Barão de Studart e sua Vida Intelectual. *Revista do Instituto do Ceará* - Tomo Especial - 1º Centenário do Nascimento de Barão de Studart, 1956.

CÂMARA, J.S. *Fatos e Documentos do Ceará Provincial*. Fortaleza: imprensa universitária da UFC, 1970. Série B – estudos e pesquisas, vol. 2.

CAMPOS, E. *As Irmandades religiosas do Ceará Provincial (apontamentos para sua história)*. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1980.

CANGUILHEM, G. *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CASTEL, R. *A Ordem Psiquiátrica: A Idade de Ouro do Alienismo*. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1978.

CERTEAU, M. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COSTA, FM. *Os melhores Contos de Loucura*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

CUNHA, MC. *O Espelho do Mundo – Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª edição, 1986.

DARMON, P. *Médicos e Assassinos na Bella Époque – a medicalização do crime*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DERRIDA, J. *Mal de Arquivo - uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2001.

ENGEL, M.G. *Os Delírios da Razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830 – 1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FERREIRA, B.G. *A Estrada de Ferro de Baturité: 1870 -1930. Projeto História do Ceará, política, indústria e trabalho 1930-1964*. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará/Stylus Comunicações, 1989, p. 33.

FOUCAULT, M. *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva 1972.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, 11ª reimpressão.

FOUCAULT, M. *Doença Mental e Psicologia*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988.

- FOUCAULT, M, *Os Anormais*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GALENO, J. Porangaba – Poema Indianista In: *Porangaba: a lagoa e a índia Porangaba (Poema Indianista)*. Fortaleza: Edição da Casa Juvenal Galeno/ Stylus Comunicações, 1991.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- GOFFMAN, E. ESTIGMA - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: LTC, 1988;
- GINZBURG, C. *Olhos de Madeira* - nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- HARRIS, R. *Assassinato e Loucura – medicina, leis e sociedade no fim de siècle*. Rio de Janeiro; Rocco, 1993.
- LIMA, F.A.S. *Estradas de Ferro no Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2007.
- MEDEIROS, J.A. *Ulisses Pernambucano*. Rio de Janeiro: Imago Ed.CFP, 2001.
- MENEZES, A.B. Porangaba. *Revista do Instituto do Ceará*. 1901
- PAIVA, J. Transições - Barão de Studart - Atleta da Fé e Missionário da Caridade. *Revista do Instituto do Ceará* - Tomo Especial - 1º Centenário do Nascimento de Barão de Studart, 1956.
- PESSOTTI, I. *O Século dos Manicômios*. São Paulo: ed. 34, 1996.
- PONTES, S.R. *Fortaleza Belle Époque – Reforma Urbana e Controle Social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf, 1993.
- PORTER, R. *Uma História Social da Loucura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. , 1990.
- PORTOCARRERO, V. *Arquivos da Loucura: Juliano Moreira e a Ddescontinuidade Histórica da Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.
- SAMPAIO, P.A. Dr. Guilherme Studart, o Médico. *Revista do Instituto do Ceará* - Tomo Especial - 1º Centenário do Nascimento de Barão de Studart, 1956.

SILVA, A.L.M. *Fortaleza – imagens da cidade*. Fortaleza. Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto, 2001.

SOUZA, J.L. *Da Infância Desvalida à Infância Delinqüente: Fortaleza (1865-1928)*. São Paulo: PUC, 1999 (Dissertação de Mestrado).

STUDART, G. *Datas e Factos para a História do Ceará*. Fortaleza, Typ. Studart, 1896, 2º vol.

SUCUPIRA, L. O Barão de Studart Membro Ilustre da Sociedade de S. Vicente de Paula. *Revista do Instituto do Ceará - Tomo Especial - 1º Centenário do Nascimento de Barão de Studart*, 1956.

SZASZ, T.S. *O Mito da Doença Mental: fundamentos de uma teoria da conduta pessoal*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1979.

VASCONCELOS, Argos. *Santa Casa de Misericórdia (1861-1962)*. Fortaleza, s/ed., 1994.